

A Guerra das Embaixadas: as grandes potências e a propaganda estrangeira no Brasil do entre guerras

*The War Among the Embassies - The Great Powers
and Foreign propaganda in Brasil Between the
Two World Wars*

João Fábio Bertonha*

Resenha

TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor - A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000

O período é a Segunda Guerra Mundial. O local é o continente americano. O governo dos Estados Unidos quer o apoio dos seus vizinhos do sul para o combate ao nazismo. Para tanto, opta por uma política de ostensiva amizade com os latino americanos e pela exportação da cultura americana para o sul do Rio Grande. Nesse contexto, um país é absolutamente chave: o Brasil. E é para o Brasil que são destinados os maiores esforços da política de Boa Vizinhança de Roosevelt e da "conquista cultural" promovida pelos Estados Unidos. Eis o cenário que Antonio Pedro Tota nos apresenta em seu livro *O Imperialismo Sedutor*.

Após uma introdução onde o autor procura detalhar os interesses americanos no Brasil e a competição entre Berlim e Washington pelo país, o livro se desdobra em três capítulos. No primeiro, é reconstruída a história do principal órgão executivo americano para a sua política relativa ao Brasil (O "Office of the Coordinator of InterAmerican Affairs") e de seu diretor e principal mentor, Nelson Rockefeller. Também são indicados alguns elementos do sistema utilizado pelos Estados Unidos para promover a cultura americana

* Doutor em História Social/UNICAMP, professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá/PR.

no país. No segundo, são destacados os esforços americanos para promover a mão inversa e difundir aspectos da cultura brasileira na América do Norte. O terceiro capítulo, por sua vez, trabalha com o cinema e o rádio, fundamentais para a difusão da cultura e do modo de vida americanos no Brasil. O texto se conclui, por sua vez, com uma reflexão sobre a assimilação dos valores americanos no Brasil, sua absorção e reelaboração.

O livro de Antônio Pedro Tota é muito interessante em diversos aspectos. Um primeiro ponto de relevância é que ele complementa algumas análises já disponíveis sobre um momento especial das relações exteriores brasileiras, ou seja, quando a relevância estratégica do país foi substancialmente ampliada e a sua neutralidade e/ou simpatia foi disputada como em nenhum outro momento. Nesse jogo, a grande batalha foi travada, sem dúvida, entre Estados Unidos e Alemanha. Atores secundários como o Reino Unido, a França e a Itália também estiveram, porém, presentes.

A história dessa disputa entre os Aliados e o Eixo pela amizade brasileira, com a vitória final dos Aliados, já foi razoavelmente estudada¹ e não é difícil ver, na vitória americana, a influência de fatores muito objetivos (como a presença do Brasil na área geopolítica americana, a ameaça que a Alemanha podia representar para a integridade territorial brasileira, a associação que o governo Vargas fazia entre os alemães e os integralistas, o atendimento americano das exigências do governo brasileiro, etc.) e que ajudam a explicar como um governo com simpatias autoritárias se reuniu ao bloco dos Aliados durante a Segunda Guerra.

O que é ainda pouco conhecido, contudo, é um outro aspecto dessa disputa, ou seja, o fato que essa busca do apoio nacional pelas grandes potências se deu, em boa medida, pelo viés ideológico, transformando o Brasil desse período de 1936 a 1940, nos dizeres de Ricardo Seitenfus², em campo de disputa ideológica das grandes potências. Esse elemento, a "Guerra das Embaixadas" pela conquista das mentes dos brasileiros, se certamente não é esquecido dentro das análises acima citadas, há muito merecia uma análise mais aprofundada e o livro de Tota é muito útil para ajudar a preencher essa lacuna. Nós também já trabalhamos um pouco com esse tema,

¹ Ver SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942. O processo de envolvimento brasileiro na Segunda/Guerra Mundial*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1985; PRADO, Maria Ligia. "Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra" in *Revista USP*. São Paulo, 26: 52-61, jun/ago 1995; MOURA, Gérson. *Tio Sam chega ao Brasil - A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984; GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas. Influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977 e ALVES, Vágner Camilo. "O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Paradigma de inserção em conflito total e global para países periféricos e estrategicamente importantes" in *Contexto Internacional*. Vol. 21, n. 1: 49-82, jan/jun 1999.

² SEITENFUS, Ricardo. "Ideology and diplomacy: Italian fascism and Brazil (1935-1938)" in *Hispanic American Historical Review*, 64/3: 503-534, 1984.

estudando basicamente a propaganda italiana para o Brasil³ através do uso da documentação italiana, inglesa e, secundariamente, alemã e é a partir desses documentos que temos alguns elementos para avaliar com mais cuidado a contribuição de Tota para o tema.

Essa contribuição não vem apenas da reconstrução dos esforços de propaganda americanos no Brasil. Tota tenta explicar também a razão da “Guerra das Embaixadas” ter sido vencida pelos Estados Unidos e, nesse ponto, suas reflexões sobre a superioridade do método americano lançam luz sobre a própria disputa como um todo naqueles anos. Realmente, os sistemas de propaganda montado por ingleses, franceses, italianos, alemães e americanos no Brasil eram, em linhas gerais, incrivelmente semelhantes. Todos eles procuravam difundir filmes de propaganda, distribuir artigos para os jornais, promover feiras e exposições, incentivar a radiofonia e promover as culturas nacionais (especialmente pela cooptação dos intelectuais e difusão da língua) para conseguir a simpatia da opinião pública. A intensidade dessa propaganda também segue padrões semelhantes, com uma escalada na década de 30 e o auge nos anos iniciais da guerra. Os diferentes países envolvidos seguiram essas diretrizes básicas, contudo, de forma diversa, o que pode ajudar a explicar os seus sucessos e fracassos.

Utilizando as informações levantadas por Tota, podemos perceber como o primeiro ponto a se destacar, para explicar a vitória Aliada, é a presença da iniciativa privada americana desde há tempos no mundo cultural brasileiro, dominando o mercado cinematográfico, por exemplo. Ao criar uma infraestrutura prévia e ao acostumar o público brasileiro ao estilo do cinema americano, esse controle quase que absoluto do mercado pelas empresas americanas certamente facilitou muito o trabalho da máquina de propaganda americana quando essa decidiu agir com mais intensidade no final dos anos 30. A documentação italiana e alemã consultada pelo autor contém inúmeros registros, de fato, de como era difícil encontrar um espaço para a difusão do filme italiano e alemão quando o circuito comercial era dominado pelos americanos.

Outros fatores, como a dispersão dos esforços de propaganda alemão e italiano entre seus conacionais (enquanto americanos e ingleses, com poucos compatriotas no Brasil, podiam concentrar todos os seus esforços no público brasileiro), também afetaram a eficiência da propaganda do Eixo. A falta de habilidade e a arrogância dos alemães, em contraposição ao esforço dos americanos em fazer uma propaganda sutil e simpática, também certamente influenciou, pois há registros de que o público brasileiro não se sentia muito a vanta-

³ BERTONHA, João Fábio. *Sob o Signo do fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1947*. tese de Doutorado em História Social. Campinas: UNICAMP, 1998.

de com a propaganda direta e ostensiva dos nazistas. Os próprios italianos, em alguns momentos, procuraram evitar uma associação aberta com os alemães no esforço de propaganda no Brasil, o que reflete não só as oscilantes relações entre as potências fascistas, como também o cuidado italiano em não perder a sua relativa popularidade no país pela associação direta com os arrogantes e pouco simpáticos alemães.

Um sinal desse maior tato americano foi o imenso cuidado que eles tiveram em dar aos brasileiros o sentimento de que o que estava ocorrendo era uma troca, e não uma conquista cultural. Para isso, trabalharam com cuidado a difusão cultural brasileira nos Estados Unidos. Alemães e italianos certamente não esqueceram disto, mas com pouco empenho, o que reflete seus próprios preconceitos e dilemas ideológicos. Teria sido possível, realmente, no contexto cultural do nazismo, a existência de uma Carmem Miranda alemã ou a difusão do samba entre os arianos?

O conteúdo da propaganda, porém, foi o elemento chave. Os alemães se concentraram na propaganda mais direta e ostensiva, enquanto os italianos eram mais sutis e tinham especial predileção (apesar de também fazerem propaganda direta) pela propaganda cultural e voltada aos intelectuais. Os americanos certamente dedicaram imensos esforços à propaganda direta e procuraram cativar os intelectuais, mas a chave do seu esforço foi a exportação da cultura de massa e este viés era muito mais do agrado do público brasileiro do que os outros. A documentação italiana, por exemplo, menciona continuamente o fato de que o enredo dos filmes italianos, mesmo os comerciais, tinham pouco apelo para os brasileiros. Não resta dúvida, realmente, de que Walt Disney, Glenn Miller e Orson Wells foram muito mais eficientes para ganhar as massas do que o Dr. Goebbels ou Dante Alighieri.

Alguns pontos de similaridade cultural também contaram, com certeza, para permitir a maior difusão da cultura popular americana do que a alemã/nazista. Certamente, para muitas pessoas daquele momento (e, em especial, alguns setores do governo, os integralistas e os descendentes de alemães no sul), o apelo do modelo germânico era grande. No entanto, fora do contexto cultural de onde havia nascido, ele fazia pouco sentido e teria sido realmente estranho se o grosso dos brasileiros tivesse preferido as lendas do Valhalla e as referências às tribos germânicas do que o Pato Donald ou o Zé Carioca, muito mais digeríveis pela cultura brasileira.

Essa questão da similaridade de tradições culturais e políticas atuava, inclusive, dentro do próprio universo do fascismo. Para muitos setores do governo, da Igreja Católica e da opinião pública brasileira, as idéias autoritárias do fascismo italiano faziam muito mais sentido do que a ideologia anti-semita, racista e totalitária de Hitler, o que

explica porque, em todo o período estudado, o primeiro tenha sido muito mais bem visto do que o segundo⁴. Sem querer superestimar a força das idéias democráticas nas elites brasileiras naquele momento (pelo contrário), parece difícil acreditar que, se colocadas diante da necessidade de escolha entre o modelo americano (ainda que adaptado) e o nazista, elas teriam optado pelo segundo.

Evidentemente, é essencial analisar essas questões dentro de um contexto maior. Se as similaridades culturais mínimas e as qualidades da propaganda empregada facilitaram o trabalho dos americanos e esse trabalho ajudou a levar o Brasil para o campo aliado, dificilmente poderíamos esquecer que a própria aproximação do governo Vargas com Washington foi colocando dificuldades para a propaganda do Eixo atuar (como alemães e italianos se queixavam continuamente). A identificação que muitos brasileiros faziam naquele momento entre o combate ao Eixo e o combate ao “Estado Novo” varguista também nos permite entender a força dos apelos da “democracia” americana. Por fim, temos que recordar a absoluta superioridade de recursos financeiros e materiais americanos, que verdadeiramente esmagou suas rivais a partir de um certo momento. Resta pensar se, malgrado todos os problemas levantados aqui, um Brasil geopoliticamente alinhado ao Eixo, onde este investisse recursos de propaganda equivalentes aos americanos e tivesse sinal verde para atuar teria conseguido resultados muito melhores do que obteve.

Tota colabora, portanto, para recuperar os esforços americanos nesse conflito e as razões de sua vitória. Também faz uma análise muito convincente da capacidade da cultura brasileira de absorver e assimilar elementos da cultura americana, o que permite que escapemos um pouco daquela visão dicotômica, onde a presença da cultura americana no Brasil só poderia servir ou para civilizar os bárbaros ou para destruir e obliterar a cultura nacional. Como mostra o autor, a cultura popular americana só fez sucesso no Brasil por ter elementos que faziam sentido para a cultura brasileira, sendo esses elementos não apenas assimilados, mas escolhidos e recriados. Apenas por levantar essas questões chave, o livro de Tota já valeria a pena.

Dizer que o autor cumpre os objetivos a que se propôs não significa ignorar, porém, que o trabalho pode e deve ser ampliado, seja pelo autor, seja por outros que queiram seguir seus passos.

O primeiro ponto ainda se refere ao próprio esforço de propaganda americano. Os arquivos americanos a respeito (e especialmente o imenso fundo RG 239 - Records of the Office of Inter-American Affairs, do National Archives) ainda são, apesar de sua

⁴ BERTONHA, João Fábio. “Observando o litorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943” in *Tempo*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2000, no prelo.

riqueza, pouco explorados e mereceriam uma maior atenção dos pesquisadores do Brasil. Tota fez um excelente uso desse material, mas não resta dúvida que muito mais poderia ser retirado dele.

Outro trabalho certamente custoso, mas que nos permitiria colocar em perspectiva essa "Guerra das Embaixadas", seria um estudo comparativo das máquinas de propaganda italiana, alemã, americana, inglesa e francesa no Brasil daqueles anos, o que nos daria condições de verificar com mais precisão a relação de forças entre os diferentes competidores da guerra de propaganda. Tais dados não estão disponíveis atualmente e levantá-los numa pesquisa mais aprofundada nos arquivos dos diferentes países envolvidos (e também nos arquivos brasileiros, como os do DOPS) seria um exercício que mereceria realmente a atenção de um pesquisador. O fato, como já ressaltado, dos métodos de conquista da opinião pública pelas várias embaixadas serem semelhantes e o intercruzamento e competição feroz entre essas redes de propaganda (que torna impossível entender uma sem a outra) apenas ressalta essa necessidade.

Podemos concluir, assim, que o livro de Tota é de suma importância e que cumpre o papel para o qual foi destinado, mas que ele deve ser considerado não o fim, mas o início de um processo que nos permita recuperar tanto um momento único da história brasileira, como as interconexões da política nacional com a internacional, relevantes ainda hoje, mas especialmente importantes naquele momento.